

DISCURSOS NA CAPOEIRA EM ESFERA ESCOLAR: UMA MINI-ETNOGRAFIA

Kátia Linhaus de Oliveira

Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, SC.

Renata Santos

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, SC.

RESUMO: O presente trabalho visa problematizar como estão sendo constituídos os discursos da capoeira no espaço de treino e roda de capoeira (em esfera escolar), sinalizando, assim, uma possibilidade de leitura desses discursos. Nossa proposta inicial era observar como se apresentaria, nesse espaço, o repertório de palavras que, muitas vezes tem conotação negativa fora do universo da capoeira. Para tal, foi realizada uma minietnografia, por meio de observação e registro (gravação de áudios, diário de campo e entrevista) de uma aula de capoeira de um projeto desenvolvido em uma escola particular de Florianópolis/SC. Partindo do conceito de “tradição inventada” (HOBSBAWN, 2008) e buscando traçar um esboço de uma arqueogenealogia (nos termos foucaultianos) da capoeira, a análise buscou relacionar os recortes da aula de capoeira observada a outros discursos sobre a capoeira, sobretudo da esfera acadêmica e das músicas de capoeira. O que nos surpreendeu foram as palavras que representam dualismos e as escolhas linguísticas que dão indicativos de ambiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira. Tradição inventada. Práticas de linguagem.

ABSTRACT: This paper aims to problematize the way in which discourses about capoeira have been constructed in the space of training and roda of capoeira in the school sphere, and to propose a critical reading of these discourses. Originally our proposal sought to observe how the repertory of words that, often, has negative connotation outside the universe of the capoeira, would present itself in the speech of the participants. To this end, a mini ethnography was performed, by means of observation and recording (audio recording, field diary and interview) of a capoeira class in a project developed in a private school in Florianópolis / SC. Based on the concept of "invented tradition" (HOBSBAWN, 2008) and in an attempt to outline an arch-genealogy (in the Foucauldian terms) of capoeira, the analysis sought to relate the clippings of the observed capoeira class to other discourses about capoeira, especially in the academic sphere and in capoeira songs. At the end, we are surprised by the words that represent dualisms and by linguistic choices that give an indication of ambiguity.

KEYWORDS: Capoeira. Tradition invented. Language practices.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A capoeira tem um repertório de palavras que se relacionam com a história, ademais alguns nomes de rituais ou dos fundamentos identificam um modo de pensar e de representar a capoeira. Os nomes dos movimentos, os apelidos, as escolhas linguísticas que podem ser vistas nos treinos e nas rodas de capoeira identificam e relacionam a prática da capoeira com a sua história. Considerando essa especificidade, este artigo tem por objetivo problematizar como estão sendo constituídos os discursos da capoeira no espaço de treino e roda de capoeira (em esfera escolar), sinalizando, assim, uma possibilidade de leitura desses discursos. Nossa expectativa inicial era observar se no contexto escolar se apresentaria na fala dos participantes da roda o uso das palavras que muitas vezes têm conotação negativa fora do universo da capoeira, porém o que nos surpreendeu foram as palavras que representam dualismos e escolhas linguísticas que dão indicativos de ambiguidade.

A escolha pela capoeira enquanto objeto de estudo deve-se a nossa proximidade com essa prática cultural, seja pela relação de afetividade com a capoeira, ou pela prática de ambas pesquisadoras. Assumimos, portanto, que não existe uma postura de neutralidade na pesquisa, sempre falamos a partir de um lugar enunciativo situado em um tempo espaço, trazemos sempre em nosso discurso outros discursos que nos constituem, portanto, nossas escolhas não são neutras. Isso não significa que nossa pesquisa seja tendenciosa ou se proponha a apresentar uma verdade falsa, mesmo porque estudamos discursos e não verdades. Assim, a partir de nosso lugar de enunciação nos propomos a apresentar possibilidades de leituras para o contexto de uso da língua que optamos por observar.

A fim de atingir o objetivo proposto, foi realizada uma minietnografia por meio de observação participante e registro (gravação de áudios, diário de campo e entrevista) de uma aula de capoeira de um projeto desenvolvido em uma escola particular de Florianópolis/SC. As aulas de capoeira são realizadas na escola como uma atividade no contraturno, portanto são optativas e têm a participação de um número reduzido de alunos. O professor que ministra as aulas de capoeira é professor de Educação Física da escola e Mestre de capoeira de um grupo já tradicional de Florianópolis.

Uma vez que as pesquisas etnográficas requerem um longo período de imersão em campo, denominamos esta pesquisa como uma minietnografia, por tratar-se de um

período muito curto de observação (apenas uma aula de capoeira, com duração de uma hora e meia). Enfatizamos, no entanto, que o caráter etnográfico desta pesquisa não se encontra no período de imersão no campo, mas na sua busca por compreender os usos da linguagem realizados por sujeitos inseridos em um contexto situado, a partir de observação e registro de situações de interação linguística. Seguindo essa perspectiva, como apresentam Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 260), esta pesquisa visa em alguma medida:

produzir conhecimento sobre as ações dos membros de uma espécie social que atuam em grupos sociais e em comunidades de práticas situadas. Diante de um encontro de pessoas em um cenário de interesse, a pergunta geral que nos move é “o que está acontecendo aqui e agora?”. Para produzir conhecimento em nossa área, não queremos e não podemos prescindir de observar a vida como ela é entre aquelas pessoas, naquele encontro, naquele cenário, ali-e-então.

Para nos auxiliar na compreensão dos dados gerados, após a observação da aula, quanto ao uso da linguagem no contexto de uma aula de capoeira em ambiente escolar, nos apoiaremos nos procedimentos da arqueogenealogia de Foucault e no conceito de *tradição inventada* (HOBBSAWN,2008).

SOBRE ETNOGRAFIA

Esta pesquisa foi realizada com base nos pressupostos metodológicos da etnografia, estudo que “desenvolve-se no final do século XIX e início do século XX, como uma tentativa de observação mais holística dos modos de vida das pessoas.” (MATTOS, 2011, p.53). À abordagem etnográfica alia-se uma teoria crítica, a partir da qual o pesquisador busca reconhecer e compreender o significado das relações sociais, onde e como elas acontecem (MATTOS, 2011).

Trata-se, portanto, de uma tentativa de, a partir da observação, compreender de que modo se dá a produção de significados dentro de um determinado grupo social. Para tal,

o critério básico de validade para o trabalho investigativo é o entendimento dos sentidos das ações conforme esses sentidos se definem da perspectiva dos atores, o que envolve trabalho de campo: observação, participação, registro, reflexão analítica com base nos registros e relato descritivo, narrativo, persuasivo. (GARCEZ, BULLA e LODER, 2014, pp. 260-261).

Este trabalho se configura ainda como uma microetnografia, uma vez que

A microanálise etnográfica é um instrumento da etnografia, frequentemente utilizada nos estudos da linguagem [...]. Na microanálise etnográfica existe uma preocupação com o interesse dos atores sociais na escolha de uma determinada forma de comportamento e qual o significado desta escolha.” (MATTOS, 2011, pp. 55-56)

Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 262), explicam que o objetivo de uma pesquisa microetnográfica “consiste em descrever como a fala-em-interação [...] é organizada social e culturalmente em cenários interacionais particulares (como as salas de aula)”.

Mais especificamente no caso desta pesquisa, buscou-se problematizar como estão sendo constituídos os discursos da capoeira no espaço de treino e roda de capoeira (em esfera escolar), sinalizando, assim, uma possibilidade de leitura. Por se tratar de um curto período de observação, entendemos que não seja possível ao final da pesquisa apresentar o modo como se estabelece a construção de sentidos a partir das perspectivas dos atores da interação, por essa razão consideramos mais apropriado levantar questionamentos, problematizar possibilidades de sentidos.

Consideramos a aula de capoeira observada uma unidade social representativa para estudo, uma vez que, embora aconteça no espaço escolar, uma esfera mais ampla, a aula de capoeira tem sua autonomia, dela participam alunos de turmas variadas e um professor que, embora seja professor de Educação Física na escola, não é o professor de Educação Física das crianças que participam da aula, para esses alunos ele é “o professor de capoeira”.

Entendemos que “a escolha do tipo de registro (audiovisual ou apenas em áudio) deve ser análoga aos recursos interacionais de que os participantes dispõem” (GARCEZ, BULLA e LODER, 2014, p. 263), portanto no caso de uma aula em que os participantes, além de se ouvirem, se veem e se expressam tanto corporalmente quanto por meio de palavras, o registro mais adequado seria o audiovisual. No entanto, por se tratar de um período muito curto para o contato com a escola, não julgamos prudente registrar a imagem de crianças sem a devida autorização de seus responsáveis, e como não tínhamos tempo hábil para obtê-la optamos por registro apenas em áudio (não audiovisual). Consideramos importante que, para um registro de audiovisual, o contato com o campo seja mais longo, uma vez que requer também que se construa uma relação de confiança entre os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Após o primeiro contato com o a escola¹ e a devida anuência da coordenação geral, combinamos com o professor que a data da observação seria no dia 09 de novembro de 2018, das 13h30min às 15h00min. A aula foi por nós registrada em áudio, com um celular, o que não provocou nenhum estranhamento entre os alunos, uma vez que celulares fazem parte de seu cotidiano. Oito alunos participaram da aula² ministrada por um professor de Educação Física da escola, o qual é Mestre de capoeira. Ao final da observação realizamos uma breve entrevista com o professor e fizemos perguntas a respeito das aulas e da turma, as respostas foram registradas como notas de campo.

Ao selecionar o modo de transcrição das gravações, optamos pela modalidade ortográfica, tendo em vista que se trata de uma pesquisa de curta duração e que privilegia o caráter discursivo das falas observadas durante a aula de capoeira. Além de manter uma maior proximidade com a oralidade, a modalidade ortográfica também atende ao objetivo de facilitar a leitura para um público mais amplo (GARCEZ, BULLA, e LODER, 2014). Para tanto, assumimos as normas adotadas pelo Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta de São Paulo - NURC/SP (PRETI, 1999), das quais consideramos importante destacar que não são marcados quaisquer tipos de sinais de pausa típicos da língua escrita. O único ponto utilizado é para marcar a interrogação (?). As demais pausas são indicadas pelo uso das reticências.³

Tendo em vista ainda que “a microanálise etnográfica leva em consideração não somente a comunicação ou interação imediata da cena, como também a relação entre esta interação e o contexto social maior, a sociedade onde este contexto se insere” (MATTOS, 2011, p. 56), para a análise serão consideradas informações sobre o lugar-tempo-espço em que os atores desta interação se situam.

¹Para a entrada em campo, contatamos uma escola regular, particular, que sabíamos que oferecia aula de capoeira aos alunos. O primeiro contato foi feito com o professor de capoeira e, após a sua anuência, entramos em contato com a coordenação geral da escola. Entregamos uma carta de apresentação na qual era brevemente apresentada nossa questão de pesquisa e objetivos, bem como um termo de consentimento, no qual informávamos que a observação seria registrada em áudio e diário de campo.

² A turma é composta por 16 alunos (todos alunos da escola, que frequentam turmas de diferentes séries do Ensino Fundamental I, no turno matutino), com idades entre 5 e 10 anos. No entanto, no dia da observação, por conta de uma saída de estudos realizada com as turmas de 4º e 5º anos, havia apenas 8 alunos na aula (cinco dos quais com idade entre 5 e 7 anos).

³ As demais regras podem ser encontradas nas páginas 19 e 20 de PRETI, D. (org). **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/338704/mod_folder/content/0/GALEMBECK%20%281999%29%20-%20In%20PRETI%20%28org.%29%20O%20discurso%20oral%20culto.pdf?forcedownload=1

Ademais, neste estudo, apoiamos a análise de nossas observações nos procedimentos foucaultianos da arqueogenealogia. Como perspectiva de estudo, a arqueologia se apresenta como análise estrita do discurso e funciona como suporte e complemento à genealogia, esta que permite observar aquilo que condiciona, limita e institucionaliza as formações discursivas. Enfatizamos a prudência de apontar que o que Foucault nos oferece não é um método geral, mas aquilo que Dreyfus e Rabinow (1995) chamam de uma “analítica interpretativa”. Esta nunca é isenta porque ela mesma é produzida por aquilo que está estudando, “tentamos compreender as práticas de nossa cultura que são, por definição, interpretações” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 139).

A perspectiva genealógica não tem por objetivo a procura da origem, mas procura estabelecer as condições de surgimento dos discursos, as relações entre eles, levando em consideração a dimensão histórica. É um modo de compreender a história que se baseia em uma construção forjada ao longo do tempo. Para Foucault (2000, p. 262):

[...] se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que ele aprende? Que por trás das coisas há ‘algo completamente diferente’: não absolutamente seu segredo essencial e sem data, mas o segredo de que eles são sem essência ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe soaram estranhas.

A partir dessa concepção foucaultiana, nos interrogamos ainda se os discursos e práticas da capoeira podem ser relacionados à ideia de *tradição inventada* de Hobsbawn, segundo o qual “a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (HOBSBAWN, 2008, p. 12). Segundo o autor, essa relação com o passado se estabelece por uma continuidade bastante artificial e irá se caracterizar por uma invariabilidade e pela imposição de práticas fixas e geralmente formalizadas, tais como a repetição. São relações que acontecem de duas maneiras possíveis: a retomada de um passado “real”, com referências a situações anteriores, ou “forjado”, quando estabelece seu próprio passado. A *tradição inventada*, como prática socialmente consolidada, é baseada no estabelecimento de uma continuidade histórica e da manutenção de um vínculo com uma ancestralidade.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho se propõe a apresentar recortes da aula de capoeira observada e, considerando o conceito de “tradição inventada” (HOBSBAWN, 2008), relacioná-los a outros discursos sobre a capoeira, como aqueles

da esfera acadêmica e as músicas de capoeira, buscando traçar um esboço de uma arqueogenealogia (nos termos foucaultianos) da capoeira.

Na próxima seção, situamos o *locus* da pesquisa, a escola e a capoeira em Florianópolis, e compartilhamos nossas reflexões a partir dos discursos que captaram o nosso olhar.

LOCUS DA PESQUISA: OS LUGARES DO DISCURSO

Antes de apresentar a discussão dos dados, consideramos importante situar o *locus* da pesquisa, isto é, os espaços de interação em que atuam seus participantes. Por essa razão serão brevemente apresentadas a escola onde acontecem as aulas de capoeira, bem como seus participantes, alunos e professor. Como o professor é Mestre de capoeira de um grupo já tradicional de Florianópolis, julgamos importante também situar brevemente a capoeira na Ilha, a fim de antever a partir de que lugar discursivo esses participantes, especialmente o professor, enunciam.

Como trabalhamos com a etnografia, entendemos que no espaço observado acontecem interações discursivas situadas, isto é, nesse espaço, ocupado por determinados sujeitos, os quais, por sua vez, estão inseridos em um espaço-tempo específico, circula um discurso que não é neutro, que é antecedido e legitimado por outros discursos. Seguindo MATTOS (2011, pp. 57-58),

“Pressupomos que no “pequeno mundo” de uma sala de pré-escolar exista uma ordem particular de organização sociocultural, por ser conduzida por um tipo particular de professor, sua filosofia de trabalho, sua origem sociocultural, a classe social em que a comunidade está inserida, e ainda por causa da personalidade individual das pessoas envolvidas. Quando existe um grupo de pessoas reunidas para se socializar, uma ordem social é desenvolvida para aquele grupo particular de indivíduos.” (MATTOS, pp. 57-58)

A geração de dados foi, então, realizada em uma escola particular de Florianópolis, localizada no bairro Itacorubi, fundada em março de 1982, sendo a princípio uma escola de educação infantil administrada por uma associação de pais. A partir de 1996 a escola começou a implantar o Ensino Fundamental, começando com o 1º ano, inserindo uma série nova a cada ano; e em 1998 deixou de ser uma associação e passou a ser uma sociedade.

Atualmente a escola é organizada em três segmentos: Educação Infantil, com turmas de Infantil 2 ao 5, duas turmas de cada, sendo uma matutina e uma vespertina; Ensino Fundamental I, com turmas de 1ª ao 5º ano, duas turmas de cada, sendo uma matutina e uma vespertina; Ensino Fundamental II, de 6º a 9º ano, uma turma de cada, no período matutino. Em 2018, ano em que foi desenvolvida esta pesquisa, a escola contava com 385 alunos e 40 professores.

Desde sua fundação, a escola se propunha a realizar um trabalho diferenciado, sendo conhecida, então, como uma escola alternativa. Atualmente, a escola apresenta como sua concepção político pedagógica o socio construtivismo, uma “intersecção” entre o construtivismo de Piaget e o socio interacionismo de Vigotski:

Estas concepções consideram que a aprendizagem de conteúdos do conhecimento humano; as interações sociais; os encaminhamentos e intervenções pedagógicas formam um conjunto de ações que devem ser exercitadas no ambiente escolar. A escola deve proporcionar encontros com saberes, com o cuidado de si, do outro e do planeta.⁴

Assim, a escola, localizada em um terreno cercado pela mata atlântica, tem horta, galinhas, perus, um lagunho com tartarugas, e estabelece algumas práticas pedagógicas, como a realização de lanche coletivo, o acompanhamento dos registros nos cadernos, atividades de culinária, e a valorização de atividades artísticas. Inclusive, a instituição apresenta como um de seus objetivos, dentre outros: “Conhecer e valorizar o patrimônio sociocultural dos povos, posicionando-se contra toda e qualquer forma de discriminação e de preconceitos.”⁵

É nesse contexto que se oferece, como atividades de contraturno, aulas de dança, música, inglês, informática, artes plásticas e capoeira. Além das aulas regulares, a escola oferece o Turno Complementar, no qual alunos regularmente matriculados no Fundamental I podem frequentar a escola, no contraturno, de dois a cinco dias da semana. As aulas são oferecidas em dias específicos, assim as famílias escolhem matricular as crianças nos dias das atividades de sua escolha. A capoeira, por exemplo, é realizada às sextas-feiras, das 10h30 às 12h00, no período matutino, e das 13h30 às 15h00, no período vespertino.

⁴ Trecho extraído do “Caderno de Matrículas” do ano de 2018, material que a escola entrega aos familiares que vão conhecer a escola ou realizar matrícula de seus filhos.

⁵ Idem.

As aulas de capoeira são ministradas por um professor de Educação Física da escola, o qual é Mestre de capoeira. Embora seja professor de turmas regulares da escola (é professor de Educação Física das turmas do Ensino Fundamental II), para as crianças que participam da aula de capoeira, ele é apenas professor de capoeira, pois as turmas de Ensino Fundamental I tem outro professor de Educação Física.

Esse professor de capoeira, além de ocupar um lugar na esfera escolar, se insere ainda em outro lugar de enunciação: os capoeiras de Florianópolis. As origens da capoeira no município de Florianópolis remontam à década de 70 do século XX, após a chegada do Mestre Pop, em 1977. Fontoura e Guimarães (2003, p. 18), em seu artigo “A capoeira em Florianópolis: um resgate histórico”, afirmam que “segundo os depoimentos, a primeira roda de capoeira em Florianópolis foi realizada no dia da Consciência Negra, no ano de 1977, na Praça XV de Novembro, Centro de Florianópolis, onde existe uma figueira centenária.” A roda de capoeira da praça XV é tradicional na Ilha, mas talvez não tanto quanto a roda do Mercado Público: “a roda do Mercado teve início no ano de 1987, [...] porém com o passar dos anos o Mercado foi tendo cada vez mais movimento, tomando conta do espaço físico onde a roda se realizava” (FONTOURA e GUIMARÃES, 2003, p. 18). Em agosto de 2017, foram comemorados os 40 anos da capoeira na Ilha, com uma semana de atividades que envolveram diversos grupos e, com homenagem especial ao Mestre Pop.⁶

Em seu artigo, Fontoura e Guimarães destacam, a partir de entrevistas realizadas com mestres e professores de capoeira de Florianópolis, os principais nomes da capoeira na Ilha, entre eles Mestre Pop, Mestre Alemão, Mestre Pinóquio e Mestre Calunga, estes dois últimos alunos da primeira geração. De acordo com as autoras,

dois mestres e treze professores iniciaram a prática da capoeira em Florianópolis. [...] no período de 1977 a 1993, a capoeira em Florianópolis era representada apenas pelos atuais grupos Aú, Ilha de Palmares, Ajagunã de Palmares e Quilombola, respectivamente representadas por Mestre Pop, Mestre Calunga, Mestre Alemão e Mestre Pinóquio. (FONTOURA e GUIMARÃES, 2003, p. 18)

Outro mestre que deixou sua influência para a história da capoeira em Florianópolis é o Mestre Nô, da Bahia, que chegou pela primeira vez à Ilha em 1987 e,

⁶ Notícia publicada no portal da Prefeitura Municipal de Florianópolis em 25/07/2017.
<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/cultura/index.php?pagina=notpagina¬i=18673>

desde então, tem sido presença em diversos momentos da capoeira na cidade. Em 29 de março de 2016, recebeu o reconhecimento do título de notório saber, pela Universidade Federal de Santa Catarina.⁷

CAPOEIRA COMO TRADIÇÃO INVENTADA

A capoeira é uma manifestação cultural que abriga em suas várias dimensões, um misto de dança, luta, jogo, arte e música. Passou de prática proibida, a esporte nacional brasileiro na Era Vargas, e hoje é praticada em mais de 160 países, disseminando a cultura brasileira e a Língua Portuguesa. Praticada no Brasil inicialmente pelos escravizados, traz marcas profundas da cultura negro-africana e da história da luta pela liberdade durante a escravidão. Segundo relatos encontrados na história oral e escrita, a capoeira foi utilizada como defesa, arma⁸ e possibilidade de resistência⁹. Falcão (2004), em sua tese de doutoramento, discorre sobre o discurso que alimenta o que ele chama de “imaginário mitológico dos capoeiras”, segundo o qual a capoeira é uma luta criada no Brasil pelo negro oprimido, com o objetivo de lutar contra o branco opressor. Esse universo mitológico seria baseado na tradição oral e composto por muitas verdades tidas como incontestáveis, porém sem comprovação histórica. A esse discurso o autor contrapõe a capoeira como “palco de tensão, resistência e afirmação de indivíduos e categorias de várias origens, explorados e expropriados em sua força de trabalho.” (FALCÃO, 2004). A aula de capoeira observada nos permitiu encontrar indicativos que corroboram essa observação de Falcão, em especial no que diz respeito ao dualismo negro oprimido/branco opressor.

Após a transcrição do áudio da aula observada, logo de início o que nos chamou atenção foram as dualidades que apareceram, sendo negros/brancos a mais evidente, além de outras, como bons/maus, ricos/pobres. Na construção do discurso sobre a capoeira se manifesta também a relação entre capoeira Angola (estilo de jogar capoeira) e os negros

⁷ Notícia publicada no portal da UFSC em 30/03/2016. <https://noticias.ufsc.br/2016/03/universidade-ja-ufsc-reconhece-titulo-de-notorio-saber-a-mestre-no/>

⁸ “Movidos pelo instinto natural de preservação da vida, os escravos descobrem no seu corpo a essência de sua arma.” (AREIAS, 1989, p.15)

⁹ “A resistência não era apenas à violência física, mas também à violência simbólica exercida pelos dominadores...” (BARBIERI, 1993, p. 24)

escravizados vindos da África. Um terceiro ponto recorrente no discurso sobre capoeira, na aula observada, foi a visão da capoeira como algo que salva, que liberta. Esses aspectos destacados serão abordados no decorrer deste trabalho, colocados em sua relação com referências da história da capoeira e seus símbolos e, em especial, a importância atribuída à capoeira no processo de libertação dos escravos. Apesar de divididos em seções, a partir de categorias estabelecidas com base nos dados para a análise, percebemos que os diferentes aspectos do discurso se entrelaçam o tempo todo.

CAPOEIRA ANGOLA – UM ESTILO DE JOGO QUE REMONTA À ANCESTRALIDADE

O primeiro aspecto sobre o qual nos deteremos é o da capoeira Angola (um estilo de jogar capoeira) e sua relação com os negros escravizados vindos da África, os quais representariam a ancestralidade da capoeira, sua origem ou, mais especificamente, a origem do estilo de jogar capoeira. Sob essa perspectiva, se estabelece uma relação direta entre escravidão, negros e capoeira, como se essas coisas fossem indissociáveis.

Esse tipo de relação, entre escravidão, negros e capoeira, apareceu logo no início da aula observada, quando o professor de capoeira apresentou uma das pesquisadoras e explicou que a aula seria observada para a realização de uma pesquisa, e uma das crianças mais velhas então perguntou se a pesquisa “*tem a ver com as histórias dos negros... essas coisas...¹⁰*”. Por essa fala é possível perceber que a criança faz um paralelo entre a capoeira, e seu vínculo com a história dos negros no Brasil, e a escravidão.

A relação entre escravidão e capoeira também se manifesta nas músicas cantadas durante a aula. Dentre as músicas, algumas inclusive escolhidas pelas crianças, que trazem essa relação nos refrãos, estão: “Dendê ô dendê, dendê ô dendê, / Dendê é de Angola, Angola é de dendê”; “Chama eu... chama eu... chama eu Angola... chama eu”. Ambas fazem referência direta à Angola, que pode ser tanto o estilo de jogar capoeira, como o fato de estar associada à ancestralidade da “cultura africana”, em uma menção aos escravos vindos de Angola.

Essa alusão ao jeito de jogar capoeira (Angola) com a cultura africana se manifesta inclusive no discurso do professor. Após cantarem a música “Chama eu Angola”, Laura¹¹

¹⁰ Trecho da transcrição do áudio gravado durante a observação. Doravante, todas as citações que aparecerem em itálico serão de trechos extraídos da transcrição do áudio.

¹¹ Como o professor faz menção ao nome dos alunos em alguns momentos de sua fala, optamos por substituir os nomes próprios dos(as) participantes, utilizando codinomes para manter a transcrição do

pergunta sobre o significado da música, ao que o professor explica que Angola se refere a um estilo de jogo que remonta às origens dos escravos trazidos ao Brasil e que a letra indicaria uma espécie de chamamento, em que a música os chama para a roda de capoeira:

Laura: a gente quer que a Angola nos chama ou a Angola vai nos chamar? [...]

Professor Chico: é assim ó...Angola é o jeito de jogar capoeira... a gente joga capoeira de um jeito... que é um estilo de capoeira... que é a Angola... e ela representa... bem importante isso... presta atenção... e ela representa...(...) além do seu estilo de jogar capoeira... representa... a cultura africana que veio para o Brasil... através dos escravos que vieram de Angola... então quando a gente fala assim... chama eu Angola... é mais ou menos assim... pra capoeira me chama... me chama capoeira... me leva para jogar capoeira... me coloca na roda capoeira...

Apesar de frequente na história oral da capoeira, o vínculo que se estabelece entre a prática da capoeira e os primeiros escravos¹² ainda nas senzalas ou nos quilombos, não encontra apoio documental nas pesquisas históricas. Segundo o *Dossiê IPHAN 12 – Roda de Capoeira e Ofício de Mestres de Capoeira* – o registro mais antigo encontrado, referente à capoeira, data de 1789 e refere-se à libertação de um escravo, preso no Rio de Janeiro, por praticar a capoeiragem (IPHAN, 2008). Observando essas narrativas, podemos compreender a capoeira nas duas formas de retomada do passado como apresentado por Hobsbawn (2008): como um misto de real e forjado¹³, visto que não é possível delimitar as fronteiras que caracterizam a história, tal como aconteceu, de sua interpretação. Certas práticas que parecem ter vínculo com um passado longínquo por vezes podem ter seu início em momentos bem específicos da história.

Em um outro momento uma criança pergunta ainda sobre a roda, que é um elemento base da capoeira. Em sua resposta, o professor aproveita e questiona os alunos sobre o porquê de se fazer uma roda e não um quadrado:

Criança¹⁴: a roda é onde que a gente se reúne pra... (inaudível)

Professor Chico: pra gente joga capoeira...e aí... normalmente roda... vocês sabem porque a gente faz roda de capoeira e não faz quadrado de capoeira?

diálogo e preservar o anonimato. Nos momentos em que não é possível identificar quem está falando será identificado apenas como criança.

¹² A escravidão teve início, no Brasil, na primeira metade do século XVI, com a produção do açúcar.

¹³ A *invenção das tradições* é caracterizada por referir-se ao passado de duas formas possíveis: real (retomada de práticas que se reportam a situações anteriores) ou forjada (práticas caracterizadas pela repetição, e institucionalizadas por um indivíduo ou grupo de indivíduos).

¹⁴ Nas partes do áudio em que não é possível identificar qual criança fala, optamos por identificá-la na transcrição apenas como criança, para evitar de atribuir equivocadamente a fala a um dos participantes.

Criança: sim...

Professor Chico: por quê?

Criança: porque antigamente eles faziam roda...

Professor Chico: mas por que que eles faziam roda?

Criança: pra canta e faze rituais...

Criança: professor...pra todo mundo se ve...

Professor Chico: mas por que roda e não um quadrado...

Criança: pra fica em volta do fogo

Criança:pra todo mundo se ve...

Criança: pra fica em volta do fogo professor...

Professor Chico: não é só para todo mundo se ve... a roda é feita automaticamente... inconscientemente... vamo fazer de conta que isso aqui [mostra aos alunos um pandeiro] é uma coisa que vocês nunca viram na vida tá... vocês não sabem se é um pandeiro, ou um instrumento musical... isso aqui caiu aqui no meio... quando as pessoas se juntam pra olha essa coisa... ela vem aqui... o outro vem do lado... o outro vem do lado... e a gente acaba formando uma roda naturalmente... quando a capoeira era praticada na rua... não formava uma roda... era o tocador e os jogadores... e as pessoas que paravam pra olha... é que faziam a roda em volta pra ve o que que eles estavam fazendo...

Criança: hummm... entendi...

Professor Chico: e assim a gente assimilo essa cultura e começo a faze a roda de capoeira...

Ao ouvirem a pergunta do professor, as crianças associam a roda à uma tradição (ou várias): porque antigamente se fazia isso, ou para fazer rituais, ou para ficar em volta do fogo. É como se a roda, que foi um costume incorporado à capoeira ao longo do tempo, tivesse para as crianças um caráter de tradição, associada talvez a uma ancestralidade que se supõe para a capoeira enquanto uma cultura que viria diretamente dos escravizados vindos de Angola. Talvez uma questão válida para refletir sobre essa situação seja: por que usar o termo “cultura” ao invés de “costume” para se referir à roda? É possível que essa escolha lexical, provavelmente não intencional, esteja fortemente ligada à ideia de que a capoeira é uma cultura e até um patrimônio cultural.¹⁵

Mais adiante uma criança pergunta sobre o pandeiro:

Criança: (já sei) e o que que é isso aqui...

Professor Chico: tá... isso aqui... isso aqui veio da Arábia...

Criança: Saudita?.

Professor Chico: é árabe...

Criança: sério...

Professor Chico: sério.... ele é árabe. ...ele é um instrumento musical que faz música e que o brasileiro transformou pro samba...

¹⁵ Reconhecimento da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira, como Patrimônio Cultural do Brasil no ano de 2008 pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Tanto a capoeira Angola como a Regional têm o pandeiro como parte da bateria, no entanto este não é originário da capoeira que seria praticada na senzala. Aqui aparece o paradoxo de uma capoeira apresentada como atividade genuína, mas que tem elementos trazidos de outros contextos e culturas.

Até aqui, podemos observar o vínculo que se estabelece entre a capoeira e uma ancestralidade, tanto pelo modo de se praticar a capoeira, aspectos da tradição e rituais, como também pela referência aos primeiros escravizados trazidos da África. Em outro momento da aula, quando o professor começa a falar sobre a história da libertação dos escravos e o que aconteceu com os negros depois da libertação, novamente se apresenta a relação entre a escravidão, os negros e a capoeira, quando novos vínculos são estabelecidos:

Professor Chico: Tá... mas deixa eu explica uma outra coisa Luísa... senta direitinho e cruza as pernas. (...) Aí... olha só... aí veio a libertação dos escravos... depois de muita luta... de muita coisa... os escravos conseguiram finalmente serem... libertos... só que... quando eles foram libertos... eles não ganharam nenhum benefício... não ganharam nada de bom... simplesmente o dono da fazenda falou assim ó... pode ir embora que tu tá livre... tchau... tchau pra onde? eu não tenho onde mora... eu não tenho o que come... não tenho o que vesti... não tenho nada... ah... não sei... te vira... tu não queria ser livre? agora tu é livre... vai embora... e mandaram os escravos embora... e eles foram embora... e aí eles não tinham o que faze... porque ninguém dava emprego pra eles... eles não conseguiam trabalho porque eram... negros... sim naquela época era...[...]

Criança: só isso?.

Professor Chico: só isso já era muita coisa praquela época...

E, logo na sequência:

Algumas crianças falam ao mesmo tempo: então a vó da Ana Vitória... o vô era escravo?

Professor Chico: bisavô... pode ser... eu não sei... talvez sim...

Criança: o meu pai disse que um... que naquela época também... lá também onde ele mo... nasceu... também tinham os escravos...

Professor Chico: é... nos Estados Unidos tinham escravos também... bastante... e era muito parecido com os do Brasil... com o Brasil... (...) aí... (criança falando. Inaudível) o que que os capoeiristas começaram a faze pra pode come... pra pode te as coisas...

Criança: joga capoeira na...

Criança: é... eu acho que eles começaram a jogar a capoeira no meio da rua (diminui a voz) pra...

Professor Chico: pra quê...

Criança: ganha dinheiro e emprego...

Professor Chico: ainda não... (pausa)

Nesse trecho parece clara a relação direta entre escravidão, negros e capoeira, inclusive os próprios termos “escravos”, “negros” e “capoeiristas” são usados praticamente como sinônimos, pois representam um mesmo referente. Até mesmo as respostas de duas crianças ao questionamento do professor a respeito do que os “negros”/“capoeiristas” faziam sugerem que para elas esse vínculo (entre negros, escravidão e capoeira) está bem marcado, pois duas delas respondem que eles começaram a jogar capoeira para ganhar dinheiro. Podemos incluir aqui também, além de associar a capoeira à história dos negros, a associação que os alunos fizeram quanto à colega que poderia ser neta de escravos. As crianças parecem aventar em seu discurso o imaginário já formado sobre a capoeira e a escravidão.

Parece clara a tentativa constante das crianças de associar a capoeira à história dos negros escravizados no Brasil a partir de uma rede de ligações que vão sendo feitas pelas crianças, mas que refletem um discurso já estabelecido. Isso sugere que o vínculo capoeira-escravidão está já muito marcado para as próprias crianças e encontra certa confluência com o discurso do professor. Não podemos afirmar que esse vínculo começa necessariamente a ser construído nessas aulas de capoeira, por que mesmo os menores, que têm menos de um ano de capoeira, já têm esse vínculo marcado no seu discurso. Assim, o questionamento que levantamos é: será que esse vínculo não é também uma construção já do imaginário popular sobre a capoeira? Ou será que essa construção nessa aula é tão fortemente marcada?

Diante dessas duas perguntas, não podemos responder afirmativamente a segunda, pois para tal seria necessário um longo período de observação a fim de constatar se essas relações seriam recorrentes em várias aulas. Sendo assim, podemos apenas trazer referências sobre a capoeira fora do espaço observado a fim de ilustrar que a relação capoeira-escravidão se mantém. Em seu artigo sobre a capoeira em Florianópolis, Fontoura e Guimarães (2003), ao fazerem uma contextualização da capoeira, trazem referências sobre sua história:

Os pesquisadores Santos e Barros, em artigo intitulado O histórico da capoeira: um curto passeio da origem aos tempos modernos, salientam que: “em 1888 foi abolida a escravidão e muitos escravos foram largados nas ruas sem emprego e a capoeira foi um dos meios utilizados para a sobrevivência deles”. Como consequência disso, pode-se citar a informação de Areias (2) de que os negros: “na sua maioria passam a integrar as já famosas maltas de capoeira e a criar outras”. (FONTOURA e GUIMARÃES, 2003, p. 14)

O que essas referências acadêmicas apontam é exatamente o que o professor da aula observada conta para seus alunos, isso indica que essa construção narrativa não está só naqueles que praticam a capoeira, ela é alimentada e legitimada em outras esferas, por outras ordens discursivas. Quando um artigo acadêmico traz esse tipo de relação, a partir de uma outra fonte, há uma legitimação dessa construção narrativa em outras esferas além daquela da capoeira em si. Chico, o professor e Mestre de capoeira, estando ainda em uma esfera escolar, propaga esse discurso como “científico”, no sentido de um saber a ser ensinado.

Na próxima seção, veremos como o vínculo capoeira-escravidão-negro, que parece ditar o imaginário criado sobre a capoeira, se materializa no discurso de que a capoeira é um movimento de resistência e foi um aspecto importante na luta contra a escravidão que culminou com a abolição da escravatura, discurso esse que comporta as dicotomias que tanto nos chamaram a atenção.

CAPOEIRA QUE SALVA E DICOTOMIAS

Tanto as fontes citadas por Fontoura e Guimarães, da seção anterior, quanto a fala do professor a respeito da libertação dos escravos, trazem a ideia de que a liberdade tão desejada pelos escravizados não lhes trouxe benefícios, mas somente mais problemas, como não ter onde morar, o que comer ou vestir. Aqui podemos destacar a questão de que a libertação dos escravos foi uma farsa, no sentido de que a vida dos ex-escravos continuou a mesma. Essa ideia não é exclusiva da capoeira, é a maneira como a libertação dos escravos é contada pela História, não como um benefício para os escravizados, e sim para os senhores de escravo.

Essa construção narrativa aparece também na literatura, em “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, por exemplo, romance que narra a infância de Carlos, neto de um senhor de engenho de Paraíba. Mesmo o romance retratando o período pós abolição, os empregados da fazenda eram ex-escravos que viviam praticamente nas mesmas condições de servidão dos tempos da escravidão; figuras como o feitor, o eito e a senzala ainda se faziam presentes no cotidiano da fazenda. Não só na voz dos ex-escravos, mas também na voz do próprio senhor de engenho se materializava esse discurso de que a libertação só trouxe mais problemas para os ex-escravos, e mais benefícios para os senhores de engenho.

[Na voz do senhor de engenho José Paulino, avô do protagonista] Quando veio o Treze de Maio, fizeram um coco no terreiro até alta noite. Ninguém dormiu no engenho, com zabumba batendo. Levantei-me de madrugada, pra ver o gado sair para o pastoreador, e me encontrei com a negrada, de enxada no ombro: iam para o eito. E aqui ficaram comigo. Não me saiu do engenho um negro só. Para esta gente pobre a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando a dia. O que ganham nem dá para o bacalhau. Os meus negros enchiam a barriga com angu de milho e ceará, e não andavam nus como hoje, com os troços aparecendo. Só vim a ganhar dinheiro em açúcar com a abolição. Tudo o que fazia dantes era para comprar e vestir negros. (REGO, 2014, p.110)

Assim, na aula de capoeira observada, reiterando esse discurso aparentemente consolidado sobre a Lei Áurea não ter trazido aos ex-escravos tantos benefícios quanto o esperado, o professor pergunta às crianças o que os negros teriam feito para sobreviver:

Professor Chico: o que que os capoeiristas começaram a fazer pra poder comê... pra poder ter as coisas?

Criança: joga capoeira na...

Criança: é... eu acho que eles começaram a jogar a capoeira no meio da rua (diminui a voz) pra...

Professor Chico: pra quê?

Criança: ganha dinheiro e emprego...

Professor Chico: ainda não... (pausa) eles fizeram umas coisas que eram piores...

Criança: eles foram caça no mato...

Professor Chico: não...

Criança: roubaram?

Professor Chico: sim... eles começaram a fazer coisas que não eram legais... eles tinham que rouba...

Criança: iichh...

Professor Chico: pra poder ter dinheiro... pra poder ter comida...

Criança: igual os probe... os pobre...

Professor Chico: é mais ou menos daí que surgiram os pobres...

Criança: eles parecem bandidos...

Professor Chico: é mais ou menos daí que surge... aí... o que que aconteceu...

Criança: favela é onde que tem...tem um lugar que eles fazem... eles constroem a própria casa...

Professor Chico: isso... e aí o que acontecia... (...) e aí... eles começaram a... fazer coisa que não era legal... coisa suja... e a capoeira foi proibida... era proibido por lei... fazer capoeira... quem fosse pego fazendo capoeira... ia preso... então... o capoeirista tinha fama de ser bandido... de ser perigoso... e as pessoas tinham muito medo... muito medo de andar onde os capoeiristas estavam... por isso a gente vai trocar a brincadeira agora... todo mundo lá no... (...)

Nesse trecho, nos chama a atenção um certo heroísmo dos ex-escravos, no modo como é narrada a atitude deles diante da situação em que os negros foram deixados pelos brancos por conta da escravidão. Contar essa história, que pode indicar a origem de vários

preconceitos em relação à capoeira e aos negros, parece que se justifica por apresentar uma certa rebeldia quase romântica dos negros, dando destaque a uma ideia de resistência, a qual comumente é associada à capoeira.

O que seria por princípio “feio, sujo” se transforma em algo heroico, em que os negros se opõem aos brancos, as vítimas aos algozes, os pobres aos ricos. Sabemos que reduzir essa narrativa às dicotomias negro/branco, vítima/algoz, pobre/rico é perigosamente simplista, no entanto parece que essa simplificação faz parte de um discurso um pouco corriqueiro e geralmente irrefletido. Dessa forma, dependendo da perspectiva de quem está falando, o mesmo discurso pode servir para reforçar: ou o preconceito, ou os estereótipos em relação a brancos, negros, ricos, pobres, vítimas ou heróis.

Esse trecho é ilustrativo de algumas dicotomias que se destacaram na aula de capoeira observada. O que se vê no trecho citado são relações binárias: branco/negro; mal/bom; algoz/vítima; rico/pobre; medíocre/herói. Essas relações não são exclusividade dessa aula de capoeira em particular, pois mesmo em Fontoura e Guimarães (2003) e em “Menino de Engenho”, citados anteriormente, essas dicotomias se manifestam, embora talvez não tão explícitas quanto no discurso das crianças e do professor da aula observada.

No recorte da aula destacado acima, ao mesmo tempo em que se procura justificar de certa forma o que os capoeiras começaram a fazer para conseguir “comer”, também as crianças associam os capoeiras da época aos pobres atuais, aos bandidos, à favela, que continuam ainda hoje sendo diretamente associados aos negros, não apenas por uma construção narrativa, mas também por questões de estatística.

As “coisas sujas” que eram feitas, teriam tido como consequência a proibição da capoeira e a fama de bandido e pessoa perigosa do capoeirista. À primeira vista pode parecer que a responsabilidade pelo fato de os capoeiristas terem sido mal vistos foi deles próprios, no entanto nessa construção mesmo o fato de as pessoas terem medo dos capoeiristas pode corroborar uma narrativa em que os brancos ainda são os algozes e os negros (apesar de fazerem coisas “sujas”) são as vítimas, pois os brancos continuaram tratando mal os negros (os deixaram na miséria, não lhes deram trabalho), ao passo que os negros faziam tudo o que precisavam para sobreviver, quase como heróis que resistiam ao poder dos brancos que tentavam aniquilá-los. Essa pode ser, em alguma medida, a história da capoeira também, mas não é só isso, é mais uma possibilidade de construção

narrativa da história da escravidão no Brasil, a qual costuma ser incorporada pela capoeira.

Todos esses discursos representativos da história e origem da capoeira, bem como as divisões dicotômicas que perpassam sua história, podem ser interpretadas a partir de Dreyfus e Rabinow (1995), os quais, ao apresentarem os principais contornos da genealogia em Foucault, observam que, se não há uma verdade profunda a ser revelada, não há nada primeiro a interpretar, portanto tudo já é interpretação. É na descoberta da ausência de um fundamento que se revela a arbitrariedade da interpretação. Nesse caso, o fazer genealógico conta a história dessas interpretações em que “os universais de nosso humanismo são revelados como o resultado da emergência contingente de interpretações impostas” (DREYFUS; RABINOW, 1995, 120).

Ao indicar a luta pela sobrevivência, as situações descritas pelo professor durante a aula parecem também sugerir uma forma de resistência. Em outro diálogo, que aconteceu logo após a realização de uma brincadeira chamada “feitor malvado”, quando o professor pergunta aos alunos se eles sabem por que a brincadeira tem esse nome, é possível identificar o discurso de que a capoeira é uma forma de resistência, e também serve para ilustrar as dicotomias já mencionadas.

Professor Chico: faz a roda... deixa eu fazer uma pergunta ... quem é que sabe porque a gente chama essa brincadeira de feitor malvado?

Felipe: eu...

Professor Chico: fala Lipe...

Felipe: os feitores... eles pegavam os negros...

Professor Chico: eles pegavam os negros... pros negros não fugirem... quando os negros conseguiam fugi... os escravos conseguiam fugi... éhhhh... eles chamavam quem...

C: Uuu.. eles chamavam...

Professor Chico: o capitão do mato... o feitor era o que cuidava da fazenda... o capitão do mato...

C: e ele batia nos escavos¹⁶...

Professor Chico: o capitão do mato... o capitão do mato era o que ia atrás quando eles fugiam... pra recupera ele... tá... aí passou um tempo... e a capoeira ajudou muito nesse processo de libertação dos escravos... por isso que a gente brinca que pra liberta quem tá congelado... eh... a capoeira é que salva ele na realidade... né... passa o pé por cima e aí tá salvo.

Nesse trecho, além da presença das já apontadas dicotomias (o branco, na figura do feitor e do capitão do mato, como malvado e o negro como vítima), a capoeira aparece como aquela que pode “salvar” os negros, como a que pode libertá-los, sendo apresentada

¹⁶ Pronúncia utilizada pela criança. Alguns alunos tinham apenas 5 anos.

como um movimento de resistência. Antes de prosseguir, é necessário abrir um parêntese e explicar que, na brincadeira que é uma adaptação de um pega-congela, para ser salvo (termo já utilizado na brincadeira que serve como inspiração) é preciso ficar na resistência (termo que se refere a uma posição utilizada na capoeira). No caso da brincadeira realizada na aula observada, o movimento que serve para “salvar”, uma meia lua de compasso, é característico da capoeira Angola. No entanto, o uso dos termos “salvar” e “resistência” e o título sugestivo, “feitor malvado”, trazem à cena a ambiguidade do discurso sobre a capoeira e as dicotomias expressas na relação entre negros/brancos, escravos/feitor e escravo/capitão do mato. A fala do professor, citada no trecho acima, somada às inserções anteriores em que aparece a fala de que os negros não tiveram benefícios com a abolição, parece sugerir que a libertação dos escravos não foi uma real libertação já que não foram dadas as condições mínimas de sobrevivência aos negros libertos.

Seria então a capoeira uma possibilidade de liberdade para os negros? Uma conhecida ladainha¹⁷ de capoeira, do Mestre Toni Vargas, faz referência à luta dos negros pela liberdade que começou bem antes da abolição da escravatura e que, portanto, não teria sido mérito da Princesa Isabel ao assinar a Lei Áurea.

Dona Isabel que história é essa?
Dona Isabel que história é essa
Oi ai ai!
de ter feito abolição?
De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
To cansado de conversa
to cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue
Que inundava este país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes
E ainda há por se fazer agora
Com a verdade da favela
E não com a mentira da escola
[...]

Essa música exemplifica um discurso que faz parte da tradição oral da capoeira e marca a importância da luta pela liberdade, para acabar com a escravidão. Em trechos da música podemos identificar algumas referências trazidas tanto pelas crianças, quanto pelo professor na aula observada. A referência à favela parece indicar o mesmo vínculo

¹⁷ Ritmo lento, parecido com uma prece, cantado como abertura do jogo de Angola. Traz normalmente a história da capoeira em seus versos e também de seus personagens.

atribuído pelas crianças aos negros, como pobres moradores de favelas. A ladainha de Mestre Toni Vargas narra a importância da luta que foi necessária para acabar com a escravidão, o que corrobora o discurso do professor ao dizer que a “capoeira ajudou muito nesse processo de libertação dos escravos”, e ajuda a questionar a história da “princesa boazinha”, que muitas vezes é contada na escola.

Se confrontarmos todas essas narrativas, perceberemos muitas contradições entre elas: a letra da música do Mestre Toni Vargas diz que a libertação veio com sangue; já o relato do protagonista do livro *Menino do Engenho*, assim como na fala do seu avô, indica que os negros simplesmente nada fizeram a respeito da escravidão porque, quando veio a Lei Áurea, eles comemoraram e no dia seguinte seguiram trabalhando como se nada daquilo tivesse acontecido.

As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. [...] O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. (REGO, 2014, pp. 75-76)

Isso também parece contrariar a narrativa do professor Chico, que diz que os escravos não tiveram o que fazer, que os brancos não queriam dar-lhes emprego, e que eles tinham, portanto, apenas uma opção: roubar. A própria menção de que os negros não fizeram nada, dá indicativos de que não havia muitas outras possibilidades, especialmente a partir da citação de *Menino de Engenho*, na qual o narrador fala em especial das mulheres, que provavelmente eram as que tinham menos autonomia e possibilidades.

Reis (1989) nos auxilia na compreensão da construção desses aparentes contraditórios quando destaca que, até determinada época, a escravidão era tida como “ordem natural das coisas”, e passou a ser questionada e condenada moralmente apenas a partir do séc. XVIII, quando alguns filósofos, como Diderot e Holbach, e economistas primitivos, estes influenciados por ideias e práticas liberais advindas do mercado capitalista internacional, “acabam por descobrir a ‘irracionalidade’ do trabalho escravo, com seus altos custos, *vis-à-vis* ao trabalho livre.” (REIS, 1989, p. 71). Todos os personagens narram a sua versão da história, conforme a época e o lugar em que se encontram. Exemplo disso é o próprio discurso abolicionista que ganhou adesão, não só do ponto de vista moral, mas também pelo aspecto econômico que indicava o alto custo da escravidão frente ao trabalho livre.

Cada uma dessas narrativas sinaliza para diferentes representações de um real, a partir de vivências pessoais e histórias transmitidas pelos seus semelhantes. Aquela de Mestre Toni Vargas parece reivindicar o mérito da abolição aos negros que lutaram pela própria libertação, conferindo-lhes, assim, protagonismo, em tensionamento com um discurso que costuma colocar os escravizados africanos como passivos¹⁸. Há o discurso de passividade dos escravos, produzido pela narrativa da história “oficial”, que aponta a princesa Isabel como “boazinha”, humanitária, assim como o discurso de *Menino de Engenho*, que, embora traga uma crítica à escravidão e aos senhores de engenho, apresenta também os negros ex-escravos resignados à situação em que viviam. Por último o discurso do professor Chico, que parece, em alguns momentos, conferir aos ex-escravos/negros/capoeiristas um papel atuante, pois fizeram tudo que era preciso para se libertarem e para sobreviver. Por outro lado, ao sugerir a inculpabilidade deles em relação a atitudes consideradas pela moral como negativas (roubar, por exemplo), explicando que foram compelidos a fazer coisas ruins pela situação em que se encontravam, de certa forma, cria uma contradição pois, nesse caso, estariam apenas reagindo à situação.

Entendemos que todas essas narrativas contribuem para o estabelecimento de tradições e rituais da capoeira, sob a perspectiva de uma *tradição inventada* e sugerimos que um momento que pode ter sido marcado pela convergência e releitura desses discursos foi a década de 1930, quando a capoeira deixou de ser considerada como crime perante a lei. Reis (2000) sustenta que esse período marcou a legitimação da capoeira baiana como mais tradicional, a partir da criação da Capoeira Angola e Capoeira Regional, respectivamente por Mestre Pastinha e Mestre Bimba, e argumenta que a preocupação central de ambos os mestres era a busca da legitimação social. Apesar da preocupação comum,

os mestres divergiam quanto ao modo de fazê-lo. Enquanto Pastinha insistia na origem africana da capoeira e na impropriedade de sua fusão com outras lutas, Bimba reivindicava a origem baiana da luta e defendia a incorporação de movimentos corporais provenientes de outras modalidades esportivas. (REIS, 2000, p. 96 e 97)

Em alguns momentos das narrativas observadas e também nas músicas cantadas durante a aula, é possível perceber uma recorrência à Angola, seja como estilo de jogar

¹⁸ Muitas vezes em oposição aos indígenas, os quais não se teriam deixado escravizar.

capoeira ou vínculo aos escravos que teriam vindo da África, o que marca a filiação a esta vertente da capoeira.

Ainda retomando a questão do “imaginário mitológico dos capoeiras” mencionado no início deste trabalho, Vieira e Assunção, (1999 *apud* FALCÃO 2004, p. 25), sugerem que

esses mitos, ao mesmo tempo em que constituem uma visão essencialista de capoeira, simplificadora e a-histórica, permitem uma articulação de processos identitários e a legitimação de grupos nesse contexto e estão relacionados com os conflitos mais abrangentes da sociedade brasileira.

Tendo isso em vista, o que podemos depreender de todos esses discursos contraditórios é que são versões da história. Porém, nossa leitura e interpretação deve ser feita com o cuidado de situar cada discurso a partir de um olhar mais amplo e sob a perspectiva de quem está falando, suas motivações e o momento histórico em que esses discursos aparecem. O vínculo estabelecido pelas crianças entre a capoeira, o negro e a escravidão e em seguida, à pobreza e à favela, nos diz da busca da compreensão delas sobre a capoeira, enquanto representação cultural que ainda persiste na ordem das diferenças sociais. Quando os capoeiristas buscam legitimar seus discursos por meio de uma tradição e ancestralidade, é possível que se queira devolver a voz àqueles a quem ela foi subtraída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de estudar a capoeira já trazia implícito um laço de afetividade que unia o assunto às pesquisadoras. Talvez por isso tenhamos ido a campo com um misto de expectativa e receio. Tínhamos ciência de que, de acordo com os procedimentos da etnografia, “a tarefa do pesquisador durante o trabalho de campo é se tornar cada vez mais consciente e reflexivo acerca dos quadros interpretativos das pessoas observadas e de suas próprias lentes interpretativas trazidas para o cenário” (GARCEZ, BULLA e LODER, 2014, p. 261). Portanto, o que se exigia era uma reflexão crítica e consciência de nossa própria perspectiva, para poder dar destaque à perspectiva dos sujeitos envolvidos na situação de interação estudada. Como já mencionamos na introdução deste trabalho, nosso objetivo foi trazer à cena os discursos e não as supostas verdades sobre a capoeira para, em conjunto aos saberes da capoeira, ampliar as possibilidades de reflexão.

Assim sendo, o que buscamos fazer ao longo deste trabalho foi problematizar como estão sendo constituídos os discursos da capoeira no espaço de treino e roda de capoeira (em esfera escolar), sinalizando, assim, uma possibilidade de leitura sobre o que acontece em termos de ação social, cultural e política durante o envolvimento dos participantes na roda. Durante a análise procuramos levantar questionamentos e possíveis interpretações para o evento discursivo com o qual nos deparamos. Damos especial atenção a algumas escolhas lexicais e buscamos correlacioná-las a discursos de outras fontes, que antecedem ou se entrecruzam com os que presenciamos na aula de capoeira. Mesmo na seleção dos trechos, fazemos menção a apenas algumas falas, seja porque as consideramos mais representativas a partir da proposta de análise, ou por conta das limitações de tempo e espaço para realizar o trabalho. Dentre as associações que apontamos, talvez a principal delas seja a relação que comumente se estabelece entre a história da capoeira e a história da escravidão no Brasil, manifesta no discurso dos alunos e do professor, bem como nas músicas cantadas durante a aula.

Os estudos acadêmicos que procuram refazer a trajetória da capoeira, tanto para compreender a sua importância na história, como também pelo que ela representa atualmente, são relativamente recentes. A capoeira ainda tem a predominância da tradição oral na transmissão dos saberes, tendo como figura de maior importância o Mestre. Ainda é importante enfatizar o papel que as músicas representam na constituição do imaginário que irá completar o quadro dessa construção concebida peça a peça, segundo as condições de surgimento dos discursos e a relação entre eles (FOUCAULT, 2000).

Por outro lado, problematizar a capoeira atual segundo a perspectiva de uma “tradição inventada” (Hobsbawn, 2008) não significa diminuir seu valor. Tendo em vista que nossa análise não pretendeu ser uma busca pelas origens (Foucault, 2000), mas observar as escolhas linguísticas, os discursos segundo narrativas que são construídas e repetidas, buscamos ampliar a nossa leitura sobre a capoeira e sua importância enquanto prática cultural, que envolve o jogo, luta, arte, música, história e linguagem.

Também assinalamos a importância de trazer as narrativas orais, pois além de ser uma característica importante da capoeira, estabelecem um contraditório com as narrativas oficiais que trazem as perspectivas, em geral, daqueles que sempre estiveram em situações socialmente mais favoráveis e representando instituições tradicionalmente constituídas. Nos apoiando em Foucault, compreendemos o poder como prática social construída historicamente, de caráter relacional que permeia e se dissemina por toda a

vida social, e tem na resistência seu outro termo, não exterior, mas um “interlocutor irreduzível” (FOUCAULT, 1988, p. 92). Também considerando que, “as relações entre os discursos, não são relações semânticas, mas relações de poder”¹⁹; sugerimos que os discursos da capoeira são o “outro termo” dessa relação, mas também se apresentam como possibilidade de atuação nos exercícios de poder.

REFERÊNCIAS

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 113 p. (Coleção Primeiros Passos).

BARBIERI, Cesar. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília: GDF/DEFER, 1993. 197 p.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 116-139 Tradução de: Vera Porto Carrero.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 408 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/10203>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

FONTOURA, Adriana R. R.; GUIMARÃES, Adriana C. A. A capoeira em Florianópolis: um resgate histórico. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n.2, p. 13-18, jun. 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 152 p. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

_____. Nietzsche, a Genealogia, a História. In: MOTTA, Manuel Barros da (org.) **Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense, 2000. p. 260-281.

GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **DELTA**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 257-288, dez. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/delta/v30n2/0102-4450-delta-30-02-0257.pdf>> acesso em 31 dez. 2018.

¹⁹ Cristine Görski Severo em aula ministrada no dia 11/12/2018 no curso de pós-graduação em Linguística da UFSC/SC.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. *In*: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 9-23. Tradução de: Celina Cardim Cavalcante.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Org.). **DOSSIÊ IPHAN 12: Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília: Iphan, 2014. 148p.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf> (acesso em 30/12/2018)

PRETI, D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/338704/mod_folder/content/0/GALEMBECK%20%281999%29%20-%20In%20PRETI%20%28org.%29%20O%20discurso%20oral%20culto.pdf?forcedownload=1 Acesso em 31 dez. 2018

REGO, José Lins. **Menino de Engenho**. 106ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2000. 208 p.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.